

A experiência estética na formação docente: do percurso do museu às salas de aula

The aesthetic experience in teacher education: from the route in the museum to the classrooms

Aline Xavier Leite

Universidade Federal Fluminense
alinexleite@gmail.com

Marise Basso Amaral

Universidade Federal Fluminense
marisebassoamaral@gmail.com

Resumo

Esse estudo apresenta um recorte de pesquisa de monografia que teve como um dos objetivos investigar como as experiências vivenciadas em espaços não formais de educação ao longo da vida são ressignificadas por docentes em formação no contexto de uma disciplina de Licenciatura em Pedagogia. Para tanto, narrativas sobre as experiências pessoais em museus de ciências e outros espaços não formais, produzidas pela turma foram analisadas. Em uma narrativa ensaística e propositiva, o leitor é convidado a pensar sobre as relações estabelecidas com o mundo através do olhar atento no percurso museal. A presente pesquisa valoriza as experiências em espaços não formais, especialmente em museus, como profundamente formativas, atuando na constituição da subjetividade e identidade dos sujeitos e aponta a familiaridade como importante aspecto para a entrada nesses espaços. Também posiciona os ambientes formais de educação como favoráveis à formação cultural e ao desenvolvimento de uma ética-estética docente.

Palavras chave: formação de professores, cultura, museus, experiência, experiência estética, educação não formal

Abstract

This study presents a monograph research clipping that had, as one of the objectives, to investigate how the experiences lived in non-formal spaces of education throughout life are resignified by teachers in training in the context of a Pedagogy Licentiate discipline. To this end, narratives about personal experiences in science museums and other non-formal spaces produced by the class were analyzed. In an essayistic and purposeful narrative, the reader is invited to think about the relationships established with the world through an attentive look at the museum's path. The present research values experiences in non-formal spaces, especially in museums, as deeply formative, acting in the constitution of subjectivity and identity of subjects and points out familiarity as an important aspect for entering these spaces. It also positions

formal educational environments as favorable to cultural formation and the development of a teaching ethics-aesthetics.

Key words: teacher learning, culture, museums, experience, aesthetic experience, non-formal education

Introdução

A cultura ocupa um lugar central na sociedade, permeando tudo que diz respeito a vivência humana. Segundo Hall (1997) seu papel constitutivo se manifesta no indivíduo, atuando sobre a constituição da subjetividade e identidade dos sujeitos. O mesmo autor afirma que através de códigos de significados os seres humanos organizam e regulam as condutas sociais por meio de práticas sociais e pela linguagem. Esta, tem destaque na formação de significados sendo o meio pelo qual são socialmente construídos. Exposições museais, por sua vez, estão repletas de significados; por diferentes linguagens produzem visões e apresentam narrativas.

Linguagem é um termo geral para todas as práticas de representação, englobando desde informações sonoras e gestuais até imagéticas, não estando restrito à palavra (COSTA, 2014; SILVA; AGUIAR JR; BELMIRO, 2015). Se refere a signos convencionados dentro de um contexto que estabelecem relações de produção de sentidos através do discurso¹. Por usufruir de um ambiente repleto de representações e produção de sentido, diversas pesquisas têm atentado para a relevância de espaços não formais de educação para o desenvolvimento da subjetividade (AMARAL *et al.*, 2019; CÂNDIDO, 2018; GRUZMAN; SIQUEIRA, 2007; HALL, 1997; JACOBUCCI, 2008). Um espaço não formal de educação ou apenas “espaço não formal” se refere a lugares institucionalizados ou não que podem oferecer atividades educativas embora não tenha a educação formal como função principal (JACOBUCCI, 2008). Os museus são um exemplo desses espaços.

Dentro da perspectiva de formação docente, a vivência de experiências estéticas proporcionadas no museu e em suas exposições tem sido considerada relevante para a subjetivação que constitui a profissionalidade docente (ALMEIDA, 2010; AZEVEDO; AMARAL, 2019; LOPONTE, 2014). A aproximação entre museu e docência, para além da lógica de “passeio” e até mesmo a do incentivo à visita nesses espaços, aponta para inserção da arte como instigador de uma dimensão estética na docência, contribuindo para a construção de saberes e experiências que podem ser mobilizados em sala de aula. Segundo Almeida (2010), a amplitude do repertório cultural do professor se reflete na variedade e apropriação das escolhas feitas por ele na mediação em sala de aula. O sucesso na mediação da aprendizagem em sala não depende unicamente do domínio do conteúdo pelo professor, mas da composição de diferentes saberes (ALMEIDA, 2010; TARDIF, 2012). Tardif (2012) destaca entre eles o experiencial, que se refere à conhecimentos adquiridos ao longo da vida.

O consumo de diferentes expressões culturais não condicionadas às grandes mídias, tem forte relação com as experiências pessoais e às transmissões familiares do indivíduo (ALMEIDA, 2010). A própria atenção que se cultiva no olhar é uma prática pedagógica que se aprende ao longo da vida. No entanto, existem muitos entraves ao consumo cultural em espaços museais que interferem na decisão de frequentar esses espaços quando o indivíduo se torna professor. A

¹ Segundo Hall (1997), discurso é uma série de afirmações que fornecem uma linguagem para se falar de algo, sendo um termo que se refere a produção de conhecimento através da linguagem e representação, modelando e produzindo práticas sociais.

existência, então, de estreitos laços entre educação e cultura, faz pertinente a discussão das experiências de vida para a formação dos professores e suas práticas. E apesar de muitos trabalhos destacarem o acesso à cultura como parte da formação do professor, poucos defendem as salas de aula como locais de formação cultural (ALMEIDA, 2010; AMARAL *et al.*, 2019; AZEVEDO; AMARAL, 2019). Poucos trabalhos também apontam a relevância da experiência estética para a subjetivação (ALMEIDA, 2010).

Dessa forma, o presente estudo tem por objetivo investigar como, a partir de reflexões provocadas em sala de aula sobre as vivências em espaços não formais, professores em formação ressignificam as experiências nesses locais. Busca-se problematizar principalmente o papel dos museus e de exposições para a formação cultural de professores e como as experiências nesses espaços podem habitar espaços formais de educação. Em uma narrativa ensaística e propositiva, convida-se o leitor a pensar nas relações que são estabelecidas com o mundo através do olhar atento nos percursos de uma exposição e em outros espaços de educação.

Metodologia

Em uma das disciplinas finais do curso de Licenciatura em Pedagogia, no fim do semestre remoto de 2021, um encontro no Google Meet foi realizado em uma pequena turma de pedagogia. Em uma roda de conversa foram apresentadas as exposições virtuais colaborativas “O céu que nos conecta” e “O céu dos povos originários”, desenvolvidas pelo Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST) durante o período de reclusão em 2020 e 2021 devido a pandemia do coronavírus. O diálogo com as estudantes girou em torno do que significam as experiências culturais para a formação, sobre as histórias contadas a partir dos desenhos das duas exposições apresentadas e sobre como objetos que guardamos ao longo da vida podem narrar histórias pessoais. Ao fim do encontro, as seguintes perguntas foram encaminhadas à turma a fim de mobilizar os temas discutidos, provocando as futuras docentes a escreverem sobre suas experiências em espaços não formais:

- 1- Lembre sua experiência/memória marcante em um museu. Se não for inconveniente, poderia compartilhar? Hoje, por que acha que ela foi tão marcante?
- 2- Como você classifica/explica a importância desta(s) experiência(as) e de possíveis outras em museus/espços não formais de educação para sua identidade/formação, hoje, como pessoa?
- 3- Como você entende que o repertório estético e/ou cultural de um/a docente pode se imprimir na prática pedagógica deste/a? Quais elementos e/ou reflexões pertinentes à arquitetura/cultura museal podem ser manifestados/mobilizados no cotidiano escolar?

Um segundo contato com a turma se deu pelo acesso a narrativas reflexivas sobre suas experiências pessoais em Museus de Ciências e outros museus, desenvolvidas no início do semestre pelas estudantes como uma atividade da disciplina. Das seis alunas da turma, quatro disponibilizaram suas respostas e as narrativas reflexivas, de modo que a partir destas foram feitas as leituras. Nelas, buscou-se perceber quais sentidos foram produzidos sobre a potência dos espaços não formais sobre a formação docente e como os temas discutidos ao longo da disciplina e no encontro foram significados. Compreendendo que a forma como se conta algo não apenas relata fatos, mas também os constitui (HALL, 1997), procurou-se entender como os significados presentes nas narrativas e respostas se relacionam e revelam a articulação entre experiência, formação cultural e espaços não formais na formação docente.

Para organizar e facilitar o entendimento, cada uma das alunas participantes foi identificada

com uma letra (A, B, C ou D), e uma numeração foi atribuída a fim de identificar ao leitor a origem do dado utilizado; 1 para as narrativas reflexivas e 2 para as respostas.

Relações estabelecidas no percurso do museu

A experiência estética vivenciada em museus é entendida por Moraes e Amaral (2015) como um estado de espírito, uma forma de cultivar a atenção e de tocar e sentir o mundo. Para Larrosa (2002) a experiência é algo que nos passa, que nos acontece, que nos toca. “Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (LARROSA, 2002, p. 21). O autor relaciona experiência e conexão significativa, apresentando-as como um evento de conexão, de relação e ligação. Em cada uma das narrativas que compuseram as respostas e textos reflexivos foi possível encontrar trechos que sugerem a vivência de uma experiência estética. Os relatos remeteram a memórias afetivas com o espaço do museu, com o trajeto das exposições e com os objetos apresentados expondo um envolvimento e imersão nas experiências: “*Gostei da sensação de estar na exposição das múmias e ser a única pessoa viva na sala, pois me provocou uma torrente de pensamentos sobre a vida e a morte.*” (B1).

A experiência dá lugar a mudanças nas relações do sujeito; quando ela acontece é sempre a relação com mundo ou consigo que está mudando. As estudantes A, B e D descrevem essas mudanças mediadas por experiências vividas dentro do museu, ao reconhecerem a influência desses espaços em diferentes momentos da vida sobre posturas e gostos pessoais. “*Fui gostando cada vez mais e virou um hábito, [...] Aproveitava para ver as exposições. Principalmente as de realismo.*” (D1), escreve a estudante D, apontando o desenvolvimento de seu apreço pela arte. Uma outra estudante, a B, afirma que o seu fascínio por fósseis veio do contato precoce que teve com os museus de história natural. Igualmente, a estudante A afirma que a visita a um forte a tornou “*uma criança mais interessada pela disciplina de História*” (A1).

O caráter cultural e discursivo das exposições museais media a produção de significados e representações que atuam no desenvolvimento da identidade, influenciando gostos e preferências do sujeito. A identidade é definida por processos de significação, identificação e representação na relação que estabelecemos com os conceitos e definições apresentados por meio da cultura, e do desejo consciente ou não de responder ao que é apresentado por ela (HALL, 1997). A formação da identidade, então, envolve uma série de processos intrínsecos ao meio social e cultural, que ocorrem simultaneamente no decorrer da vida. Assim, todo o processo de constituição ou formação da subjetividade e identidade do sujeito é indissociado da cultura, ocasionado “por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências única e peculiarmente nossas como sujeitos individuais.” (HALL, 1997, p. 26). Uma vez que se trata de processos de formação que se dão na cultura e por meio dela, o termo “formação cultural” pode ser redundante. Mas foi escolhido neste trabalho para salientar a influência da cultura sobre a construção da identidade e subjetividade do sujeito e sobre a forma que este se relaciona consigo e com as realidades que experimenta.

Ao falar sobre a experiência, Larrosa (2002) aponta a possibilidade de interrupção, de que algo nos toque, possibilidade do falar sobre o que nos acontece. Na experiência estética se permite esse parar pra pensar, um pensar vagaroso, desapressado, permite-se um olhar de estranhamento. As narrativas e respostas apontam experiências de reflexão proporcionadas pelas discussões dentro da disciplina. Ao mesmo tempo em que os textos transbordam uma linguagem sentimental e afetiva, nas falas se encontram marcas de reflexões robustas influenciadas pelos autores trazidos na ementa da disciplina. Nas descrições detalhadas de momentos marcantes específicos para as estudantes, as experiências em espaços museais

ultrapassam a perspectiva despretensiosa de um relato de memórias de tempos da infância. É perceptível o domínio de termos e lógicas que indicam a apropriação de conhecimentos referentes à educação que acontece em museus e às experiências que acontecem ali. As futuras pedagogas atribuíram valor as suas primeiras impressões e estabeleceram novos sentidos sobre suas experiências. Na atividade de narrar memórias em espaços não formais de educação no contexto da disciplina, as alunas ressignificaram suas experiências a luz do repertório teórico-cultural trazidos ao longo do semestre.

As experiências no ambiente escolar ao longo da vida, sejam no Ensino Básico ou Superior, influenciam o sujeito docente de diferentes formas e afetam a sua prática ao adicionar crenças e representações sobre elas (TARDIF, 2000). Essas representações fixadas o longo do tempo, segundo Tardif (2000) tendem a ser estáveis podendo apontar para um efeito mínimo dos dispositivos de formação de professores sobre a prática do professor em sala (WIDEN et al, 1998 *apud* TARDIF, 2000). Porém, aponta um potencial para as práticas de formação docente que buscam ressignificar as experiências já vividas na trajetória do indivíduo. Nessa perspectiva, a discussão sobre a potência de ambientes não formais na formação de professores permite ressignificar práticas ligadas ao contexto formal, mas não restritas ao ambiente da escola como as idas aos museus, atuando assim sobre representações e certezas já existentes na bagagem cultural do sujeito.

Refletir sobre experiências museais dentro de um contexto formal de formação de professores permite uma experiência estética no presente que se apoia em vivências anteriores ao lhe serem atribuídas novos sentidos. Essa prática também aumenta o potencial formativo de museus na medida em que sensibiliza o indivíduo e cultiva uma receptividade que o prepara para novas experiências nesses locais. Nessa perspectiva, o ambiente de sala de aula pode ser potente para o desenvolvimento de uma postura de sujeito da experiência. Larrosa (2002) caracteriza o sujeito da experiência como aquele que é capaz de atenção, de se permitir tocar; aquele que se permite tempo para ser transpassado pelo acontecimento. Essa postura pode ser aprendida no contato com espaços que convidam uma leitura de mundo mais detida, sejam eles dentro de uma instituição formal ou não formal de ensino.

Uma pedra no caminho

Todas as estudantes apontaram o envolvimento de uma instituição formal de educação para a formação de memórias significativas em espaços não formais, e apenas a estudante B não posicionou tais instituições como um facilitador para a entrada no museu. Os ambientes formais de educação podem ser relevantes não apenas para a entrada do público no museu, mas também para a experiência que acontece ali. E a possibilidade de experiência em locais não formais de educação é afetada por diversos fatores. Segundo Almeida (2010), muitos entraves estão ligados a barreiras simbólicas e a falta de familiaridade com o ambiente e com a linguagem utilizada. Algumas dessas barreiras saltaram das narrativas e respostas expondo a importância de aspectos como a familiaridade para entrada no museu e para o estabelecimento de sentidos naquele espaço. Uma estudante relata o desconforto em sua primeira visita ao Museu do Amanhã pela falta de familiaridade: *“Na primeira vez, fiquei um pouco receosa, por achar o lugar um espaço mais formal e [...] por ser longe de onde moro”* (A1). Mas depois afirma já o ter revisitado três vezes e indica apreço pela experiência: *“já voltei a esse museu três vezes. E sempre encontramos algo novo e fascinante.”* (A1). Dificilmente alguém retorna a um ambiente que não lhe tocou. A formação de sentidos e de relações de afeto com o espaço de um museu e/ou de uma exposição facilita a entrada do indivíduo nos ambientes museais em um momento seguinte. A mesma estudante associa seu interesse por museus às visitas que fez ao decorrer da vida: *“Todo esse meu caminhar, aprendizados e trocas contribuíram para que eu me*

interessasse mais pelos museus e pela história” (A.1)

Conforme se tonam mais familiares, o espaço do museu, o conteúdo e a linguagem das exposições vão se tornando menos intimidantes. A familiaridade ajuda na formação de significados, pois atua a partir de referências previamente existentes na bagagem cultural do indivíduo, atribuindo ou ampliando o significado daquilo que se vê. Ao contar sobre algo que lhe chamou atenção em uma visita, a estudante B fala da sessão de múmias e aponta o contato prévio com o atlas anatômico de sua mãe como algo que tornou aquela parte da exposição, familiar. A estudante C atribui a sensação de ser cativada pelas coleções de história natural, às leituras que fazia na biblioteca da escola. O contato prévio aproxima o sujeito, auxilia no estabelecimento de relações de sentido e aumenta o repertório de significados dentro de um contexto ou discurso que facilita a apropriação do espaço, do conteúdo e da linguagem. A relevância desse aspecto é ressaltada por todas as estudantes uma ou mais vezes nas respostas e nos textos reflexivos.

[...]ainda me fascino com eventos que tenham o objetivo de estimular a imaginação e nos permitir criar teses e antíteses, além da oportunidade de ampliar o conhecimento através da imersão em novas culturas, elementos históricos, científicos e biológicos, entre outros. (C.1)

Estabelecer relações de significado permite a expansão do mundo (CHARLOT, 2000) e favorece a atividade intelectual. Permite a criação de conceitos, novas percepções que se sobrepõem enriquecendo a formação cultural. Se trata da mudança nas relações consigo e com o mundo. Experiência.

Relações entre museus, salas de aula e o saber

A possibilidade da experiência na formação docente contribui para o rompimento de pensamentos lineares, favorecendo a criatividade nas relações práticas de mediação dos conhecimentos, sejam eles culturais, transversais ou disciplinares. *“Essas experiências em museus contribuíram para que eu desenvolvesse um pensamento crítico e reflexivo sobre determinados temas, como por exemplo consumo consciente e reflexão social.” (A.2)* A experiência contribui para uma ética-estética docente, uma postura de permanente experimentação, onde como um artista, o professor rascunha sua prática incansavelmente (LOPONTE, 2014). Seja intelectualmente ou emocionalmente, na experiência estética o sujeito se apropria de novas ferramentas para estabelecer ligações e criar sentidos.

Os museus e as exposições, a despeito das diferentes tipologias, sejam pelo ambiente físico ou pelas narrativas construídas, são locais favoráveis à interrupção. Desde a escolha do discurso, da linguagem, dos objetos, cores e organização do espaço. Cada um dos aspectos importantes na concepção de uma exposição, revelam uma intencionalidade e criam esse ambiente favorável a suspensão, a experiência, ao transpassar, a reflexão, ao pensar e ao falar sobre o que acontece (LARROSA, 2002).

É num ambiente de suspensão e interrupção que existe a possibilidade de atribuir sentido e preencher de valor o que é/foi vivenciado. A possibilidade de troca, de encontro, de significação e ressignificação, de identificação, cria um ambiente favorável ao saber nas dimensões psicológica, emocional, racional e intelectual. É na relação de troca que o conhecimento se torna saber, em um encontro que ganha sentido e transforma o sujeito. Para Charlot (2000), isso é aprender: dar sentido, fazer a ligação entre uma experiência e um princípio, independente de quem acontece primeiro. Dessa forma, o espaço de suspensão, favorável ao cultivo intencional de uma receptividade feita de paixão que se permite abordar pelo o que o interpela, é um dos

condicionantes para o estabelecimento de conexões, para a atribuição de sentido, e para a experiência.

O que as salas de aula e o espaço museal têm em comum? Masschelein (2014) caracteriza a suspensão do tempo, das expectativas do futuro, das imposições do passado, das preocupações do presente imediato como um traço do ambiente formal de educação. Embora não seja uma instituição escolar e, portanto, com objetivos distintos, os museus e suas exposições, através das relações e trocas que proporcionam, também facilitam o aprendizado. O ambiente de suspensão favorável ao saber é um ponto de interseção entre o museu e as salas de aula que os faz ambientes propícios a trocas entre os sujeitos, ao encontro, à experiência, à relação e ao aprendizado. Discutir e pensar o museu nas salas de aula fomenta a potência existente em ambos os espaços.

Afinal, por que trazer os museus para as salas de aula?

Seja no ensino básico ou na formação de professores, a inserção dos museus com sua intencionalidade estética, indagativa e “desacomodante” nas salas de aula, promove uma postura favorável à experiência que a frequência a esse espaço cultiva, e reduz barreiras simbólicas que impedem a entrada do público no museu. Dentro dos ambientes formais de formação de professores, discussões em torno dos museus e suas exposições potencializa e ressignifica as experiências vividas nesses espaços e enriquece as experiências futuras.

É importante refletir se é possível mediar a expansão de referências culturais e científicas sem que se tenha vivenciado as suas próprias experiências estéticas e culturais. A formação cultural compõe o sujeito afetando sua prática, pois lhe confere liberdade para se apropriar das diferentes ferramentas culturais e estéticas a fim de favorecer a relação dos alunos com o saber, com o museu e com a experiência estética que este proporciona. O repertório cultural é formativo e também um limitante para a articulação cultural e estética que o professor é capaz de mediar. Dessa forma, a inserção de discussões que envolvem esses espaços nos currículos de cursos de formação também assume uma utilidade prática para o alcance de objetivos pedagógicos. Especialmente dentro do ensino da ciência, que a todo tempo afeta e é afetada pela cultura.

O hábito de frequentar museus e suas exposições se relaciona intimamente com as escolhas e percepções do indivíduo, incentivando um olhar atento, a curiosidade e o interesse pelo fazer científico. Além disso, permite o aprender a ser sujeito da experiência. Possibilita encontros. Conexões que ressignificam sentidos e permitem que o aprendizado aconteça nas experiências, dão elementos para a atividade intelectual e permitem a mudança do que se entende de mundo. Pensar e discutir os espaços não formais de educação na formação de professores permite o desenvolvimento de um olhar atento e o reconhecimento da potência pedagógica desses espaços. Permite a interrupção de um ciclo onde professores que não frequentam esses espaços, não usufruem das potências a eles inerentes em suas práticas docentes, e assim, não aproximam seus alunos desses espaços de cultura. Esses, por sua vez, pouco cultivam o olhar atento e uma postura de sujeito da experiência; perdem em formação cultural e se tornam professores que também ignoram a potência da formação cultural e estética para a prática docente. Além disso, trabalhar os museus em salas de aula fomenta o desejo e cria oportunidades para que aqueles que não têm o hábito de frequentar esses espaços, o cultive. E para aqueles que já desenvolveram em sua trajetória relações de afeto com os museus e exposições, permite-se a ressignificação das experiências.

A experiência estética na formação docente – e também na formação básica – é um catalisador para a aprendizagem. Tanto o museu quanto a sala de aula são locais de encontro, onde, na

experiência, relações consigo e com o mundo são estabelecidas. Mas até onde é possível dimensionar a extensão da influência das vivências proporcionadas por esses espaços? A análise das percepções trazidas pelas alunas traz uma pequena luz sobre a relevância dos espaços museais para a formação da subjetividade e da sensibilidade estética. As experiências culturais de um professor vivenciadas ao longo da vida, não atuam de forma direta sobre o ser e fazer docente, mas transborda de suas práticas e produções. E a discussão dentro de um contexto de formação docente permite que a regulação de significados que ocorre no contexto de formação cultural, seja mais facilmente transposta ao contexto de formação docente e adaptada às práticas pedagógicas. Isto é, configurada ao âmbito de formação do sujeito docente.

As relações entre a cultura e docência revelam a importância da formação cultural para o exercício do magistério, e apontam para a heterogeneidade dos conhecimentos mobilizados pelo profissional docente em sua atuação. Tais conhecimentos são mobilizados de forma integrada para o alcance dos objetivos em sua prática. Desse modo, a formação estética e cultural que o professor adquire ao longo da vida é relevante. Neste sentido, museus e exposições são locais notáveis para a formação cultural e para o desenvolvimento de um olhar atento. Para estes propósitos, as salas de aula são um segundo aliado na medida em que os aspectos potentes desses espaços não formais são inseridos e mediados pelos professores. Ressalto, portanto, a relevância de um espaço curricular, principalmente na formação de professores, reservado para a discussão e inserção de atividades relacionadas aos museus e outros espaços não formais de educação.

Referências

ALMEIDA, C. M. de C. A cultura na formação dos professores., **Boletim Salto para o futuro: Formação cultural de professores.**, v. 10, n. 7, p. 14–21, 2010

AMARAL, M. B. *et al.* Sentidos produzidos por licenciandos em visitas a museus de ciência: contrapalavras ao discurso expositivo articulando subjetividade e formação acadêmica. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 12., 2019, Natal. **Anais [...]**. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2019. p. 1-8, Disponível em: http://abrapecnet.org.br/enpec/xii-enpec/anais/busca_1.htm?query=Sentidos+produzidos+por+licenciandos+em+visitas. Acesso em: 25 ago. 2021.

AZEVEDO, A. F.; AMARAL, M. B. Espaços não formais de educação: uma discussão sobre a formação docente. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 12., 2019, Natal. **Anais [...]**. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2019. p. 1-10, Disponível em: http://abrapecnet.org.br/enpec/xii-enpec/anais/busca_1.htm?query=Sentidos+produzidos+por+licenciandos+em+visitas.. Acesso em: 25 ago. 2021.

CÂNDIDO, M. M. D., Gestão de Museus: O Museu do Século XXI. In: ELIAS;(ORG.), V. S. (Org.), **O museu e seus saberes**, Goiânia, Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esporte de Goiás, 2018. p. 10–19. Disponível em: https://orbi.uliege.be/bitstream/2268/232144/1/2018 - O Museu e seus saberes_livrodigital.pdf. Acesso em: 14 jul. 2021

CHARLOT, B. A relação ao saber e à escola dos alunos dos bairros populares. In: AZEVEDO, J. C. et al. (Org.). **Utopia e Democracia na Educação Cidadã**. Porto Alegre: Editora da Universidade UFRGS, 2000. p. 169-177.

COSTA, L. P. A. "Signos visuais, verbais e não-verbais do discurso quadrinístico.", **Revista do SELL**, v. 4, n. 1, p. 1–21, 2014. DOI: <https://doi.org/10.18554/rs.v4i1.412>. Disponível em: <http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/sell/article/view/412/610>. Acesso em: 30 jul. 2021.

GRUZMAN, C., SIQUEIRA, V. H. F. de. O papel educacional do Museu de Ciências: desafios e transformações conceituais, **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 6, n. 2, p. 402–423, 2007. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/30907>

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo, **Educação e Realidade**, , v. 22, n. 2, p. 15–46, 1997

JACOBUCCI, D. F. C. "Contribuições dos espaços não formais de educação para a formação da cultura científica", **Revista Em Extensão**, v. 7, n. 1, p. 55–66, 2008. DOI: <https://doi.org/10.14393/REE>. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/20390>. Acesso em: 14 jul. 2021

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência, **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20–28, 2002. DOI: 10.3344/kjp.2014.27.3.297. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 14 jul. 2021

LOPONTE, L. G. Arte contemporânea, inquietudes e formação estética para a docência, **Educação e Filosofia Uberlândia**, v. 28, n. 56, p. 643–658, 2014. DOI: 10.14393/revedfil.issn.0102-6801.v28n56a2014-p643-658. Disponível em: https://www.scielo.sa.cr/scielo.php?pid=S2215-39342021000100001&script=sci_arttext. Acesso em: 14 jul. 2021

MASSCHELEIN, J. **Em defesa da escola**: uma questão pública. Tradução: Cristina Antunes. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MORAES, V. D. S., AMARAL, M. B. “Livres para voar”: o museu nacional do rio de janeiro nas imagens e palavras de uma professora e seus alunos do ensino médio, **Alexandria: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, v. 8, n. 2, p. 33-51, 2015. DOI: 10.5007/1982-5153.2015v8n2p33. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/alexandria/article/view/1982-5153.2015v8n2p33/29494>. Acesso em: 9 jul. 2021

SILVA, A. F., AGUIAR JR., O., BELMIRO, C. A. Imagens e desenhos infantis nos processos de construção de sentidos em uma sequência de ensino sobre o ciclo da água, **Revista Ensaio**, v. 17, n. 3, p. 607–632, dez. 2015. DOI: 10.1590/1983-21172015170304.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**, 13. ed. Petrópolis, Vozes, 2012. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/x1nccc8>. Acesso em: 10 jul. 2021.

TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. **Revista Brasileira de Educação**, [s. l.], v. 3, n. 13, p. 5-24, 2000. Disponível em: http://www.ergonomia.ufpr.br/Metodologia/RBDE13_05_MAUICE_TARDIF.pdf. Acesso em: 5 jul. 2022.